

RESENHA

*João Paulo Thomaz de Aquino**

FERREIRA, Franklin. **Por amor de Sião**: Israel, igreja e a fidelidade de Deus. São Paulo: Vida Nova, 2022. 448 p.

Independentemente do ponto de vista que se escolha – histórico, teológico, religioso ou geopolítico – Israel é um assunto que gera debates e discórdias. Tem sido assim desde o começo da história. Em teologia, há aqueles que dizem que Israel é “o relógio de Deus” e outros que afirmam que Israel não tem mais absolutamente nenhum destaque bíblico-teológico, sendo exatamente igual a qualquer outra nação, talvez até pior. Neste livro, Franklin Ferreira, com seriedade acadêmica e pesquisa exaustiva, abençoa a igreja brasileira com um conteúdo do qual você certamente pode discordar, mas de forma alguma deve ignorar.

Em primeiro lugar, a obra de Franklin é apologética. Embora seja uma obra acadêmica e densa, o livro é uma defesa apaixonada (à maneira do autor) da centralidade de Israel. Dr. Ferreira deixa isso muito claro na introdução, quando apresenta suas teses principais da seguinte forma:

Uma das convicções que perpassam essa obra é a crença de que a Escritura afirma que Deus salva o mundo por meio de Israel e do israelita perfeito, o Messias Jesus, o eterno Filho de Deus, também filho de Davi; assim, a Escritura seria incoerente e a salvação impossível sem Israel. Também será proposto que a história da salvação é contínua, portanto, o povo de Israel e sua terra continuam a ter um significado teológico importante, tanto no âmbito da soteriologia como da escatologia. E será defendido que o retorno dos judeus à sua terra e o estabelecimento do Estado de Israel são cumprimentos da profecia bíblica e,

* Mestre em Antigo Testamento (CPAJ, 2007) e Novo Testamento (Calvin Seminary, 2009), doutor em Ministério (CPAJ, 2014) e doutor em Novo Testamento (Trinity International University, 2020). Professor de Novo Testamento no CPAJ e no Seminário JMC. Pastor da Igreja Presbiteriana JMC (Jandira, SP). Editor dos websites issoegregio.com.br e yvaga.com.br.

portanto, são parte do desígnio de Deus, sinais inaugurais de seu futuro triunfo escatológico (p. 52).

De forma ainda mais contundente, Franklin apresenta o livro como uma resposta do tipo “eis-me aqui” a um chamado um tanto místico que Deus fez a ele quando visitava o Museu Amigos de Sião, em Jerusalém (p. 53-55).

Em segundo lugar, o livro apresenta uma pesquisa história riquíssima, documentando como tem sido a relação entre a Igreja e Israel desde os tempos primitivos (cap. 1) até os tempos da Reforma e atuais, passando pelas tradições reformada (cap. 2), luterana (cap. 3) e católico-romana (cap. 4), sendo que esta última recebe uma atenção bem menor do que as primeiras. Esses capítulos alegram, colocam lágrimas nos olhos e envergonham, pois mostram momentos nos quais o amor cristão da igreja alcançou os israelitas, bem como momentos em que a Igreja pecou de forma gravíssima, contribuindo com um antissemitismo odioso e violento que deixou profundas e terríveis marcas na história e em pessoas. Uma das maiores contribuições desses capítulos é demonstrar como, nas referidas tradições, não existe uma posição teológica unânime sobre o papel de Israel e como diversos luminares das referidas tradições tiveram uma inclinação positiva para com Israel, e às vezes até mesmo uma visão sionista, diferindo radicalmente, em alguns casos, de posições teológicas e políticas contemporâneas a respeito de Israel por parte dessas mesmas tradições.

Em terceiro lugar, *Por Amor de Sião* é um livro com uma discussão teológica séria. Essa característica, presente em todo o livro, é ainda mais destacada no quinto capítulo, o maior da obra (p. 183-358). Com o título de “Temas Teológicos”, esse capítulo, entre outras coisas, apresenta uma exposição de Romanos que evidencia a salvação futura de muitas pessoas da nação israelita, em harmonia com a eleição eterna dessa nação por Deus. Em vez de um supersessionismo em que a Igreja substitui Israel, Franklin defende que a posição bíblica é uma anexação da Igreja ao antigo Israel. Ao tratar das diversas alianças, Franklin deixa explícita a sua rejeição da heresia fundamental do antigo dispensacionalismo scofieldiano: “Portanto, na medida em que a única aliança com um povo específico não foi revogada por Deus deve-se rejeitar todas as noções de dois caminhos de salvação para judeus e cristãos ou de cristãos gentios substituindo Israel. Jesus Cristo é o único Salvador de todos os homens”. Para Franklin, essa inserção da Igreja em Israel, no entanto, não anula nem espiritualiza algumas promessas de Deus para a nação, como, por exemplo, aquelas ligadas à terra de Israel. O tratamento que Franklin faz de “O Eretz Israel” (p. 288-332) é um dos assuntos mais controversos e desafiadores do livro, tanto a partir de algumas afirmações que “soam dispensacionalistas” para ouvidos reformados e amilenistas, quanto pela defesa de que o estabelecimento do moderno Estado de Israel está relacionado com o cumprimento das

promessas de Deus a Israel encontradas nos profetas do Antigo Testamento. Finalmente, o tratamento que Franklin faz do holocausto é emocionante e bem fundamentado, mas por vezes parece quase apresentar uma defesa de que os judeus martirizados no terrível e vergonhoso holocausto foram justificados por meio do sofrimento.

O último capítulo (cap. 6), “O Dever da Memória”, é um chamado para que a Igreja envie esforços de aproximação e cooperação com o povo judeu, mas que o faça a partir de uma atitude de humildade em vez de orgulho supersessionista. Aqui, Franklin propõe que uma teologia que despreza ativamente a Israel tem raízes marxistas e apresenta diversos documentos de instituições cristãs e judaicas que estão tentando essa aproximação de forma construtiva e exemplar. Na conclusão, o autor, mais uma vez, apresenta de forma clara quais foram seus objetivos:

Neste livro argumentei que Israel ainda é o povo eleito de Deus. O Senhor ainda está comprometido com Israel, e os judeus estão destinados como povo a um dia reconhecerem a Jesus como o único Messias. Sendo os judeus uma unidade étnica, bem como um povo chamado a viver pela fé e obediência a Deus, é natural que tenham uma terra. E essa terra está ligada ao compromisso pactual de Deus para com eles como um povo. É a terra que Deus lhes prometeu originalmente e onde a grande história da salvação foi encenada. É uma visão crível que o retorno de muitos judeus à terra e a fundação do Estado de Israel em nossos dias é parte do comprimento de Deus de seu propósito para o mundo, para os judeus e para a Igreja (p. 401).

O livro ainda contém alguns apêndices muito úteis como declarações teológicas sobre os judeus emitidas pelo Fuller Seminary e pela Presbyterian Church in America, bem como uma ótima lista comentada de filmes, séries e documentários sobre os judeus.

Por Amor de Sião é uma leitura fundamental para teólogos e interessantíssimo para os cristãos em geral. Alguns pontos de atenção crítica especial são a quase equalização do supersessionismo (ou teologia da substituição) com antissemitismo. É possível discordar teologicamente do conteúdo do livro sem cair no pecado do antissemitismo. Embora exista uma clara defesa da unificação de Israel e da igreja, por vezes o livro soa inevitavelmente como se estivesse defendendo a existência de dois povos de Deus. A minha impressão é que, se os critérios aplicados no livro para aquilo que é antissemitismo fossem aplicados a algumas passagens bíblicas, elas seriam reprovadas como antissemitas. É evidente que o autor, que tem uma visão clara da autoridade das Escrituras, de forma alguma afirmaria que as Escrituras são antissemitas, mas o critério estabelecido no livro parece impor que certas afirmações e leituras teológicas das Escrituras e da história não podem ser feitas ou sequer cogitadas, pois isso seria uma atitude anti-Israel. O cristão menos afeito a leituras teológicas

mais acadêmicas vai se assustar com as diversas referências positivas a Joseph Ratzinger (papa Bento XVI).

Saúdo com alegria a escrita de um livro de tal qualidade e densidade teológica por um teólogo brasileiro. A edição cuidadosa de Edições Vida Nova também merece menção pela grande qualidade. O assunto é importantíssimo e há muito para ser aprendido e aceito, bem como muito para ser debatido no livro de Franklin. Espero de coração que teólogos sérios interajam criticamente com o livro em vez de o criticarem ser ler.